Com em pano de fundo a pandemia de coronavírus, decretada pela OMS e sendo que África regista 106 pessoas infetadas em 12 países, com 2 mortos e 9 casos na vizinha África do Sul, Moçambique decretou o alerta vermelho. O Governo moçambicano impõe quarentena obrigatória aos cidadãos provenientes de países que registam mais de mil casos e aos que registarem mais de 100 infeções diárias em 48 horas. As autoridades moçambicanas, da saúde e da migração estão igualmente a reforçar medidas de vigilância e o rastreio de cidadãos nacionais e estrangeiros que entrem para o país através das fronteiras terrestres e pela via aérea provenientes sobretudo da vizinha África do Sul com vários casos confirmados. Linhas Aéreas de Moçambique anunciou também a redução de voos internos, sobretudo os que têm ligação com o estrangeiro, devido à pandemia.

adaptado de [http://www.rfi.fr/pt/áfrica-lusófona/](http://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica-lus%C3%B3fona/) de 12.03.2020

Um estudante terá um dia perguntado à antropóloga Margaret Mead qual era o primeiro sinal de civilização. A resposta veio pronta: uma ossada com um fémur cicatrizado, encontrada numa estação arqueológica com 15 mil anos. Não foi nem um artefacto de caça, nem um pote de barro, nem uma pedra de moer. Para a antropóloga, o que nos distinguiu foi termos começado a cuidar uns dos outros. Em sociedades recoletoras, alguém com uma perna partida seria inútil e incapaz de cuidar de si. A antropóloga acrescentou que, onde reina a lei da selva e só os mais aptos resistem, ninguém sobreviveria com esta condição. Se chegou até aos nossos dias um fémur cicatrizado é porque houve quem cuidasse de um doente, não o deixando ficar para trás. A evidência de compaixão é o primeiro sinal de civilização.

Ser turista é limitativo, eu sei. Preferia ser viajante, sem prazos nem restrições físicas e financeiras, mas não é possível. Turista portanto me assumo e, como tal, tenho tentado conhecer um pouco dos cinco continentes deste pequeno mundo.

Perguntam-me, frequentemente, qual foi a minha viagem preferida, mas deixei de ser capaz de responder. Escolho uma, sem lhe atribuir nenhum privilégio, mas porque me marcou de um modo especial. Talvez por ter nascido em África, talvez porque é o continente que menos conheço.

Há quatro anos passei duas semanas na Etiópia, pouco mais do que nada para ficar com ideias vagas sobre o segundo maior país africano em extensão. Parecia então ser um oásis naquele Corno de África, entre vizinhos em permanente conflito, e centro de onde irradiavam esperanças de conciliação e de progresso.

Comecemos por uma pergunta: como é que uma pandemia, com um vírus de uma família conhecida, altamente contagioso mas relativamente moderado nos seus efeitos, e com uma taxa de mortalidade baixa em geral, provoca este verdadeiro cataclismo social e económico, com o encerramento de quase todas as actividades produtivas, as cidades vazias, os transportes parados, milhões de pessoas confinadas em casa?

Se tivermos em conta a pergunta, devemos analisar muitas das diferenças entre a pandemia da covid-19 e a sua antepassada mais semelhante na dimensão, a gripe pneumónica de 1918-19, a “gripe espanhola”. O grau de destruição e morte da pandemia de 1918 foi enorme, na ordem de muitas dezenas de milhões de pessoas, mas as fábricas não pararam, a quarentena severa limitou-se, em grande parte, aos hospitais e às casernas, embora a proibição de concentrações, espectáculos e outros ajuntamentos, assim como o uso de máscaras, aproxime a gripe de 1918 da covid-19.

Passaram 44 anos. Portugal é hoje, sem qualquer espécie de dúvida, um país melhor do que era naquela quinta-feira de abril de 1974. Mas não é aquilo que sonhámos, não foi por isto que tantos lutaram durante décadas de ditadura, que alguns morreram, não é o que podia e o que devia ser hoje. Falhámos uma oportunidade única, nós que tivemos na mão uma das mais belas revoluções dos tempos modernos.

[…]

O mundo está agora mais perigoso, a Europa navega à vista sem que se entenda nem mais ou menos para onde, muitos regimes não democráticos estão a tomar as rédeas do poder. Sem sabermos exatamente como, nem muitas vezes com que instrumentos, resta-nos continuar a lutar pelo futuro, com a mesma força com que festejámos a chegada da democracia há quarenta e quatro anos. É também para isso que ainda estamos vivos.

Julgando que tudo se acalmará em breve, já se fazem contas aos montantes que foram despendidos à pressa para salvar os sistemas de saúde, valores esses que virão a ser pagos com juros nos anos próximos pelos contribuintes. Assim se retomará a acumulação de capital financeiro, temporariamente perturbada.

Chegados aqui, vemos com clareza onde a máquina da globalização gripou. Que fazer? Eis outra grande questão. Vemos que o caminho passa por revalorizar o ser humano, repor-lhe a dignidade de cidadão, empoderá-lo para que fique ciente dos seus deveres, obrigar os governos a investir naquilo que é o mais importante e que tem sido desvalorizado sistematicamente por estar ligado à cultura.

Teremos de começar hoje mesmo a construir as novas instituições que farão a humanidade evoluir, aproveitando a profunda transformação no domínio da comunicação que estamos a viver.